

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
data 10/02/99
cod. WWD00030

Processo FUNAI/BSB/0923/81

Instrução Executiva n.117/DAF

Terra indígena Wai-Wai/Estado de Roraima

Visita Realizada entre os dias 08 e 20 de setembro de 1998

Por: Carlos Machado Dias Jr.

(Pós-Graduando em Antropologia Social/USP)

## Manifesto da Comunidade Waiwai

Informações Complementares ao Processo de Identificação  
da Terra Indígena Wai-Wai



São Paulo 20 de outubro de 1998

## SUMÁRIO

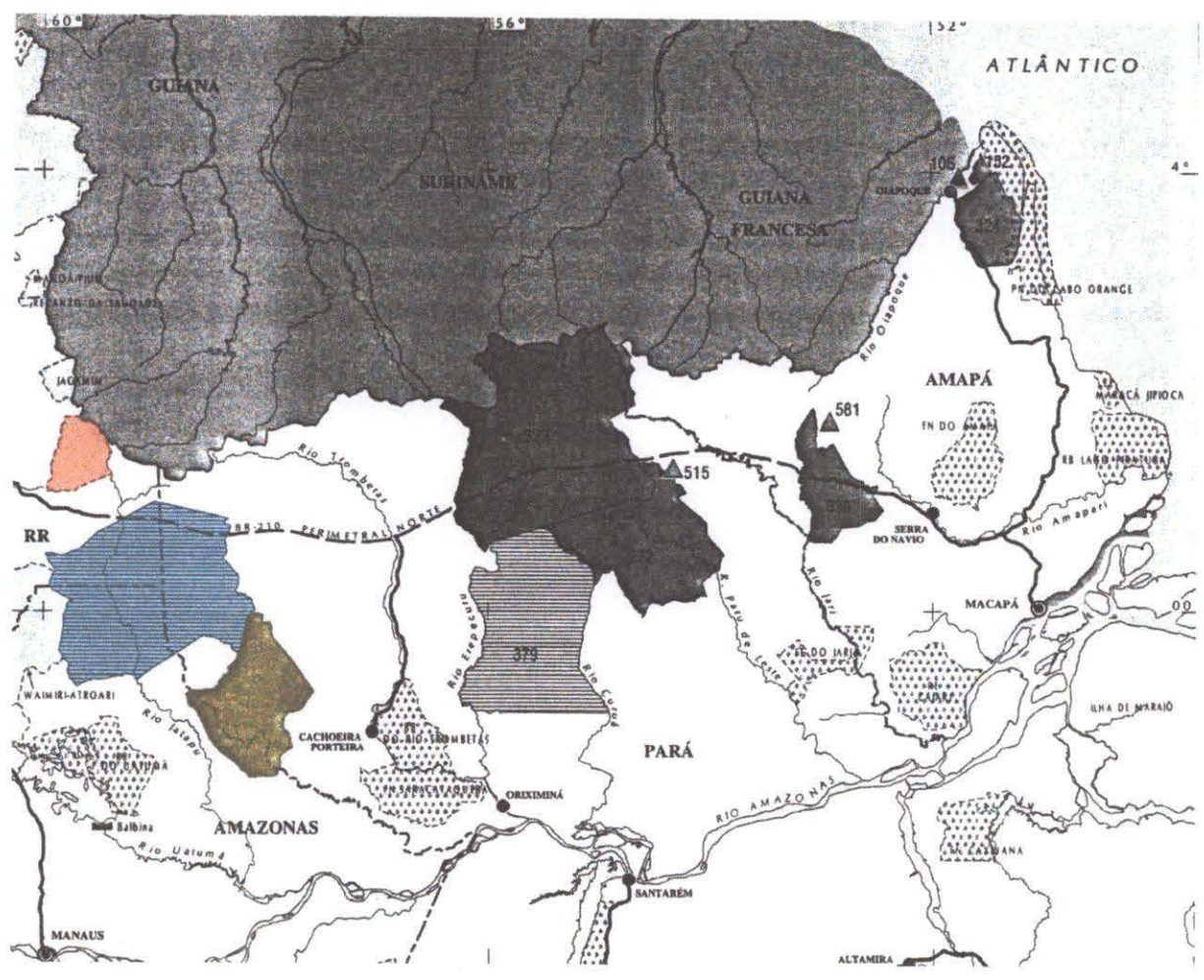
1. Distribuição Atual da População Waiwai nos Estados de Roraima, Pará e Amazonas
2. Informações Adicionais Sobre o Grupo e a área Indígena Wai-Wai em Roraima
3. Propostas de Identificação de uma Área Mínima
4. Formas de Ocupação
5. Composição da População Waiwai na Região
6. Evolução Demográfica e Ocupação Atual da AI-Waiwai
7. Aspectos do Meio-Ambiente
8. Pressões e Ameaças à AI-Wai-Wai: o Contexto Regional
  - A corrida do ouro e outros minérios
  - A invasão dos colonos
  - Outros riscos
9. Adequação dos Limites da Área Propostos (em acordo com os 330.000 ha.)

## ANEXO

- Informações Historiográficas Relevantes
- Manifesto da comunidade
- Memorial Descritivo

BIBLIOGRAFIA (disponível sobre o tema)

# Áreas Indígenas Waiwai



- limite interestadual
- rodovia implantada
- rodovia planejada
- capital de Estado
- cidade
- Unidade de conservação federal

- TERRAS INDÍGENAS**
- reconhecida oficialmente
  - reconhecida oficialmente (área não representável nesta escala)
  - em identificação ou a identificar
  - interdita

- A.I. Wai-wai
- A.I. Trombetas/Mapuera
- A.I. Nhamundá-Mapuera



Fonte básica: Instituto Socioambiental/1996

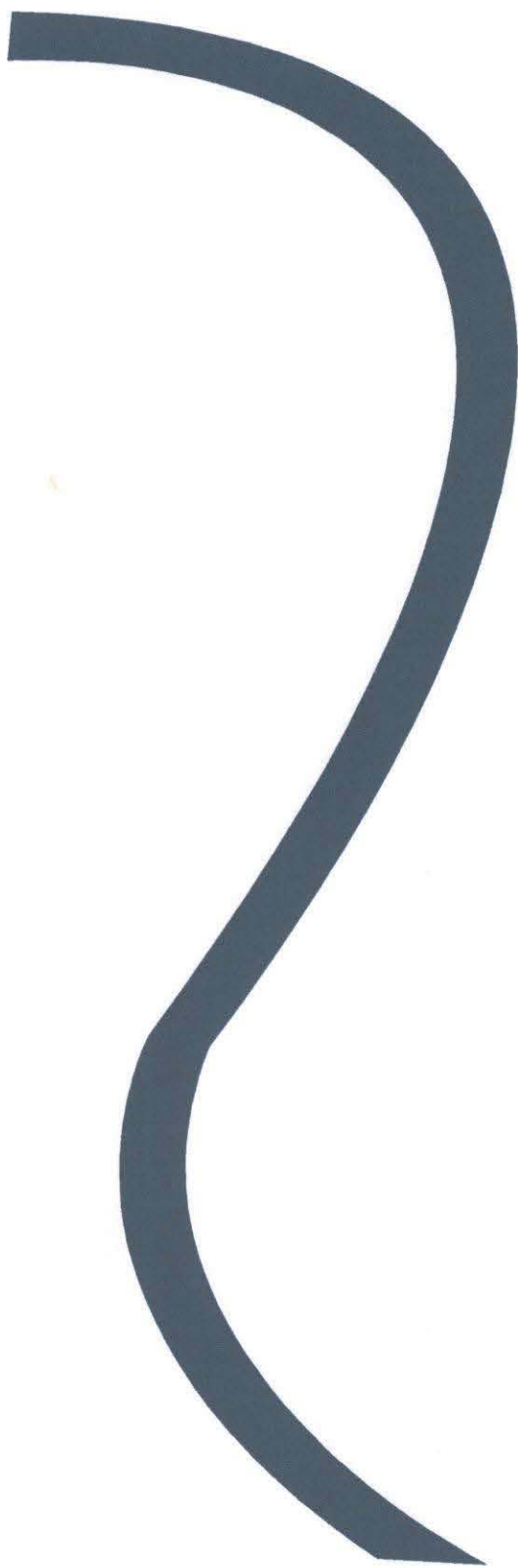
# Delimitação da Área Indígena Waiwai (330.000 ha ; 260km )



Legenda:

- viciniais
- aldeias abandonadas:
  - kaximi
  - pista velha
- aldeia habitada
- posto indígena antigo
- ⊕ pista de pouso abandonada
- ▲ marco de fronteira
- área indígena delimitada
- pontos definidores do limite
- cursos de água permanente

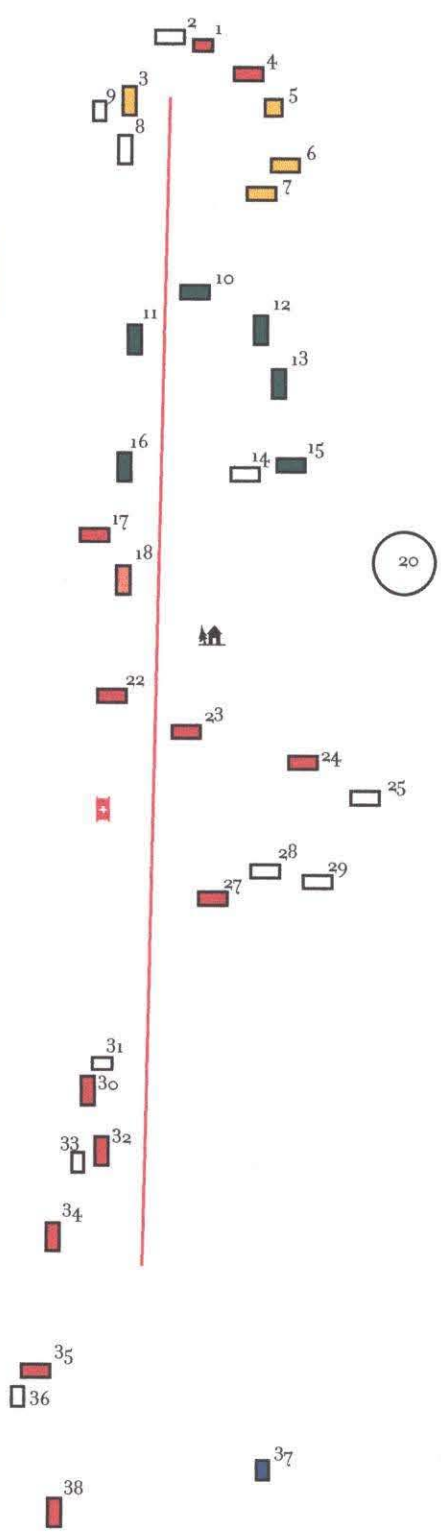




## Aldeia Anauá

### Legenda:

1. Casa Reiman
  2. Coz. Reiman
  3. Casa Katiwana
  4. Coz.
  5. Casa Ratu
  6. Casa Xexewa
  7. Casa Semian
  8. Casa Xita
  9. Coz. Xita
  10. Casa Quiriwi
  11. Casa Essuram
  12. Casa Yarika
  13. Casa Iray
  14. Cantina
  15. Casa Kokopina
  16. Casa Sakaray
  17. Casa Yakuta
  18. Casa Galdino
  20. UMANA
  22. Casa Kanawxi
  23. Casa Quiripaka
  24. Casa Anti
  25. Casa Tcheren
  27. Casa Farnarwy
  28. Casa Twepu
  29. Coz. Twepu
  30. Casa Kayku
  31. Coz. Kayku
  32. Casa Pikanha
  33. Coz. Pikanha
  34. Casa Narciso
  35. Casa Natanael
  36. Coz. Natanael
  37. Casa Wapixana
  38. Casa Yakuta
-  Farmácia  
 Posto da Funai  
 Waiwai  
 Xerew  
 Wapixana  
 Macuxi  
 Mawayana  
 Cozinhas e grupos não identificados



## 1. Distribuição Atual da População Waiwai nos Estados de Roraima, Pará e Amazonas

Atualmente, no Brasil, os Waiwai encontram-se dispersos em três áreas: uma já demarcada, no noroeste do estado do Pará denominada AI-Nhamundá/Mapuera, e duas outras em estágios distintos do processo de demarcação; a AI-Waiwai, identificada; e AI-Trombetas/Mapuera, apenas interdada (ver mapa “Áreas Indígenas Waiwai). No Nhamunda/Mapuera localiza-se a aldeia de maior densidade demográfica do grupo (cerca de 1300 pessoas, de acordo com o último censo realizado pelos missionários da MEVA em 1997).

Como registra a história do contato, após quase 50 anos de convívio permanente com os missionários, as aldeias Waiwai aumentaram significativamente a concentração populacional. Este fato, acarretou muitas transformações no antigo sistema de relações intergrupais (Fock,1965; CEDI,1983; Howard,1993). “Estes povos estavam anteriormente dispersos em pequenas aldeias nas florestas das bacias do Mapuera e do Essequibo (...). As interações que levavam à dominação ou assimilação de um grupo por outro eram complementadas por outras forças que conduziam à oposição, e ambos os processos eram contrabalançados por outros, que asseguravam a manutenção de uma paridade relativa (embora às vezes instável) entre os grupos” (Howard, 1993, p.233).

Em Roraima, a AI-Wai-Wai localiza-se no extremo sudeste do Estado, em uma região bastante acidentada da Serra do Acaraí. Partindo de Boa Vista, o acesso à área é feito de carro (Toyota), percorrendo a BR-210 e 174 até chegar no povoado do Entre Rios, limite da rodovia. A partir daí, segue-se de barco pelo rio Jatapu e Jatapuzinho até a aldeia de mesmo nome (Jatapuzinho). O acesso às demais aldeias (Cobra e Anauá) dá-se pelos mesmos meios (carro e barco), mudando-se apenas o percurso seguido pelos rios, isto é, para o Cobra segue-se pelo igarapé de mesmo nome, e para o Anauá pelo rio Anauá.

## **2. Informações Adicionais Sobre o Grupo e a çrea Indígena Waiwai em Roraima**

Este texto tem por objetivo apresentar a manifestação da comunidade indígena localizada na AI-Wai-Wai sobre os limites propostos para a demarcação de sua área. Conforme relatório de identificação elaborado pela antropóloga Maria Helena de Amorim, em cumprimento à Portaria n. 121/E de 10/05/1982, o presente documento foi elaborado para contribuir com o processo de regularização fundiária inicalizado há 18 anos pela FUNAI. Enfim, por eu estar envolvido há dois anos e meio com o referido grupo, através de uma pesquisa em nível de mestrado, aproveito a oportunidade para acrescentar algumas informações complementares que endossam e atualizam os dados apresentados no relatório apresentado à Portaria n.1218/E/82.

Desse modo, na primeira parte do texto, apresento algumas características importantes sobre o histórico do grupo e sua ocupação tradicional da área. Aspectos estes essenciais de serem considerados no processo de regularização fundiária, uma vez que justificam a urgência da proteção à integridade sócio-cultural deste grupo Waiwai de Roraima. Em seguida, apresento sugestões para a adequação do limite sul da AI., em acordo com a manifestação da comunidade indígena (segue em anexo). Ver-se-á que a comunidade indígena solicita a adequação dos limites da área a partir da proposta elaborada pelo relatório de 1982 (FUNAI/BSB/0923/81).

### 3. Propostas de Identificação de uma Área Mínima

Como consta nos inúmeros documentos referentes ao processo de regularização da AI-Wai-Wai, a proposta atual de 330.000 ha. corresponde á dimensão mínima a ser garantida como posse exclusiva para a comunidade indígena localizada no Estado de Roraima. Como atesta a documentação acumulada desde 1977 (pareceres de sertanistas, antropólogos e sociólogos de várias instituições), esta área delimitada constitui um fragmento do território tradicionalmente ocupado pelo grupo indígena.

A ocupação da área pelos Waiwai se estendia, de fato, por uma região muito mais ampla que chegou a ser identificada, na proposta do primeiro grupo de trabalho enviado à área, com uma extensão aproximada de 540.250 ha. (Portaria n. 509/E/79).

Em 1982, a Portaria n. 1218/E/82 institui novo GT que conclui uma outra proposta de delimitação com uma extensão aproximada de 330.000 ha., dimensões consideradas na ocasião como uma área realmente indispensável à sobrevivência física e cultural do grupo. Esta área foi declarada como de posse indígena pela Portaria 1441/E/82, expedida na vigência do Decreto n. 76.999/76, e mais tarde aprovada pelo Conselho de Segurança Nacional, Ofício 044/03 SC/84.

Assim, tanto as propostas elaboradas pelos pareceres técnicos disponíveis, como a ocupação atual da região pelos Waiwai, levadas em consideração nos limites propostos pelo pelo GT de 1982, corresponde precisamente a uma área mínima para atender as necessidades sócio-culturais e ambientais do grupo de acordo com o § 1 do artigo 231 da Constituição Federal de 1988.



#### 4. Formas de Ocupação

**Antiguidade da ocupação.** Em primeiro, deve ser destacado, conforme informação n.350/DID/DGPI/82, que o referido grupo indígena apesar de ter se “fixado há cerca de 12 anos (declaração feita pela enfermeira da MEVA Florence (Dona Flor), eles sempre viveram na região em que se encontram atualmente”. A forma de ocupação tradicional da região pelos Waiwai não pode ser datada apenas a partir do convívio permanente com os missionários, uma vez que é sabido que muito antes da chegada dos evangélicos norte americanos a região já era habitat daquele povo. Assim, sabendo-se que antes da chegada dos missionários o termo Waiwai referia-se apenas a um dos subgrupos que hoje assim se auto-denominam<sup>1</sup>, e considerando o processo de transformação estrutural ocorrido, é preciso destacar na informação de Dona Flor que apesar do grupo ter se “fixado há cerca de 12 anos, eles sempre viveram na região em que se encontram atualmente”.

**O vínculo com o território.** Segundo depoimento do Pdr. Nívio<sup>2</sup> no início dos anos 80 os Waiwai - “iludidos por políticos locais interessados em fazer pesquisas de minério na área, bem como pelos missionários da MEVA interessados em almentar seu rebanho” - haviam abandonado completamente a área indo morar com seus parentes distantes do Suriname, Guiana Inglesa e Estado do Pará. Em 17/08/83, em fax enviado pela 10ª DR de Boa Vista, o delegado regional denuncia “entrada ilegalmente na área indígena Wai-Wai equipe prospecção firma Paranapanema...” (RD N.2829). Passados menos de dois anos, os Waiwai reocuparam a região, onde habitam hoje cerca de 110 indivíduos.

**Sedentarismo não implica em abandono de formas tradicionais de ocupação.** Em terceiro lugar, gostaria de chamar a atenção para as mudanças estruturais proporcionadas pelo convívio permanente com o mundo ocidental. As transformações ocorridas no âmbito da organização social Waiwai devem ser consideradas neste momento importante da demarcação de suas terras.

Assim, de pequenas aldeias com um máximo de 50 indivíduos, atualmente encontra-se aldeias com 100, 300, 400, e até mesmo 1300 pessoas aproximadamente. O que demonstra aparentemente que a forma de ocupação do

---

<sup>1</sup> Considerando os distintos subgrupos que num contexto mais abrangente das relações interétnicas assumiram a identidade Waiwai, usarei a grafia em itálico (*Waiwai*), para o subgrupo específico. Incluindo os demais subgrupos (Karafawyana, Hixkariana, etc.) usarei a grafia normal (Waiwai).

<sup>2</sup> Residente no município de São Luís do Anauá há 25 anos, o Padre Nívio acompanhou o processo de migração dos Waiwai naquela ocasião. Ainda que parcial, sua interpretação é um importante ponto de vista.

território também passou por algumas transformações, ao invés de pequenas aldeias dispersas ao longo dos eixos fluviais, hoje observa-se a formação dos grandes aglomerados localizados. Porém, deve ser observado alguns aspectos atuais da forma de ocupação do território, pois só assim podem ser avaliadas estas aparentes transformações.

Sabe-se que nenhum posto de atração, seja da FUNAI, seja qualquer outra entidade, seria capaz de suprir todas as necessidades básicas de um grupo com estas dimensões demográficas. Logo, em momento algum, eles jamais poderiam abandonar seu calendário sazonal de atividades de subsistência (coletas, roças, locais de caça e pesca, etc.), o que evidência necessariamente uma forma tradicional de ocupação do território. Basta observar que durante os seis meses que estive entre os Waiwai, em nenhum momento a aldeia esteve com todos os moradores presentes. Entre os meses de maio e agosto, período de coleta da castanha do Pará, as aldeias ficam praticamente vazias.

**O trânsito pela região.** Outro aspecto geral importante, refere-se ao intenso trânsito dos Waiwai em função de uma vasta rede de trocas e visitação de parentes, efetivado por expedições que se estendem por longas distâncias (do Pará ao Suriname e Guiana Inglesa, passando por Roraima). Esta rota comercial, descrita nas fontes históricas sobre a região (Farabee, 1916; Fock, 1963; Farage, 1991), que ainda hoje encontra-se em pleno vigor, caracteriza mais uma permanência estrutural estabelecida muito antes da formação das grandes aldeias (cf. Bibliografia, item II). No itinerário das rotas estabelecidos a partir das grandes aldeias, o rio Anauá tornou um importante entreposto, servindo de paragem para o fluxo das trocas tradicionais vinculando as aldeias através de redes de trocas multilaterais.

Estas viagens, assim como algumas expedições de coletas, caças, pescarias e roças mais distantes, normalmente afastam famílias por longos períodos das aldeias, mas não da área. Enfim, constata-se que apesar de todas as possíveis transformações muitas são as permanências, isto é, os aspectos materiais e simbólicos que identificam as semelhanças e diferenças ao que hoje são os Waiwai. Como veremos, basta uma maior aproximação do grupo para perceber, na identidade mais abrangente da tribo, aspectos que marcavam no passado diferenças culturais significativas. Diferenças estas que ainda hoje vigoram em suas linhas gerais, podendo ser mais facilmente visualizados na própria topologia

da aldeia e, de modo menos explícito, em aspectos linguísticos, genealógicos e cerimoniais (ver mapa “Aldeia Anua”).

## 5. Composição da População Waiwai na Região

Ver-se-á que a denominação Waiwai não constitui um etnônimo elaborado tradicionalmente pelo próprio grupo, não delimitando, por conseguinte, características ontológicas distintivas entre eles mesmos nem com relação aos seus vizinhos. Como acontece com a maioria dos grupos indígenas amazônicos, a designação Waiwai é um termo generalizado pós-contato que engloba diferentes etnias elaboradas a partir da relação estabelecida entre índios e não-índios como uma forma de identidade coletiva necessária.

Em 1986 foi registrado um total de 1200 Waiwai no norte do Brasil e na Guiana, distribuídos em 4 aldeias, compostas por diversos povos, entre eles: os Tarumá, Parukwoto, Mawayana, Hixkaryana, Xerew, Katuena, *Waiwai*, Karafawyana e outros (cf. Howard, 1993). Os Karafawyana, convém lembrar, foi o último subgrupo atraídos pelos Waiwai, os últimos índios “não-vistos” [enihnikomo, como dizem os próprios Waiwai], que viviam longe do convívio dos demais, e que foram morar nas grandes aldeias a partir de 1986. Como relata o patriarca Palhareka, ainda existem outros Karafawyana vivendo no interior da floresta:

“eu sei que meu filho fugiu dos Waiwai porque ele tinha medo, pensava que fossem matá-lo, por isso ele foi embora, fugiu pro mato. Eu sei para onde ele foi, lá tem outras pessoas fazendo roça, aldeia, dança e feitiço junto com o meu filho, eu sei” (depoimento pessoal, abril de 98).

Destaca-se também que a composição de agrupamentos mistos não é uma característica adquirida pós-contato. Como registra a literatura sobre o grupo, desde as primeiras incursões dos viajantes e naturalistas, a fusão intertribal foi descrita como uma tendência muito antiga (cf. Schomburk, 1837-1838 e 1943; Condreau, 1903; Frikel, 1958, e outros). Tendência esta que também não está circunscrita aos Waiwai especificamente, mas aparece enquanto um aspecto comum a todos os povos da região das Guianas.

De acordo com as características que marcam os povos da região, os Waiwai não constituem um grupo autocontido e endocentrado vivendo num universo cosmológico particularmente fechado e independente. Ao contrário, a

identidade do grupo será melhor entendida considerando o processo de constante construção de diferenças internas, tal como sugere Howard na descrição do ritual cerimonial *Pawana*: “A caricatura joga com contrastes de identidade entre os Waiwai e os grupos radicalmente ‘outros’, que por meio de vários tipos de troca se capacitam a traduzir suas diferenças, fazer a mediação entre as fronteiras que os separam, e reformular suas identidades” (1993 :237).

Neste contexto, destaco mais uma vez que, apesar do processo de “waiwaização” observado a partir do convívio com os missionários norte-americanos (cf. Howard, 1993), ainda são bastantes evidentes as diferenças no interior do grupo. O que deve ser considerado para um melhor entendimento sobre a forma particular de ocupação territorial pelo grupo.

## **6. Evolução Demográfica e Ocupação Atual da AI-Wai-Wai**

Outro fator que aponta para a vitalidade do grupo pode ser percebido, apesar das mudanças ocorridas, nas estruturas da organização sócio-cultural dos Waiwai. Padrões estes que podem ser observados pela a autonomia política e territorial entre as aldeias onde estão localizados atualmente (Suriname, Guiana Inglesa, Estado do Pará e Roraima), bem como uma identidade pluriétnica reconhecida no interior de cada uma delas, como já foi observado acima, o que pode ser visivelmente atestado na disposição espacial das casas em acordo com os sub-grupos existentes (cf. mapa “Aldeia Anaua”).



## 7. Aspectos do Meio-Ambiente

Inserida no planalto guiano ocidental da região amazônica, a AI-Wai-Wai, apresenta extensa rede hidrográfica e expressiva variação do volume de água, registrando um índice pluviométrico anual superior a 200mm, e uma temperatura média de 24°C a 26°C (IBGE). Observa-se também duas estações bem definidas ao longo do ano, uma seca que se estende de junho a meados de dezembro, e seis meses de chuva que completa o período de um ano. A vegetação básica que cobre a região é composta principalmente por florestas de terra firme com áreas acidentadas da Serra do Acarai.

Embora seja permitido generalizar tais aspectos relativos ao meio físico amazônico, isto é, elevado índice pluviométrico, alta temperatura e solo pobre, é importante resaltar que estes fatores não se manifestam uniformemente em toda a área. Analizando certos aspectos no contexto do meio-ambiente, Meggers indica algumas inter-relações características da ecologia cultural, observando que apesar da semelhança da fauna e da flora na terra firme, “importantes diferenças regionais existem quanto à acessibilidade e à abundância das espécies que as compõem” (1977:70).

Enfim, no ambiente geográfico dos planaltos antigos da Guiana, os Waiwai habitam uma complexa paisagem típica da Amazônia, extremamente diversificada na composição da fauna e da flora ao longo de sua área.

## 8. Pressões e Ameaças à AI-Wai-Wai: o Contexto Regional

**A corrida do ouro e outros minérios.** A área indígena Waiwai sempre foi alvo de pequenos garimpeiros em busca de ouro e minérios diversos, além de alguns projetos de grandes empresas, como no início dos anos 80 quando, “a empresa Paranapanema aproveitando a ausência dos índios na área realizou alguns estudos rápidos” (cf. Pdr. Nívio, ip., item 4). Em novembro de 1997, a Funai fez uma expedição com a polícia federal para expulsar cinco garimpeiros que, segundo denúncia da própria comunidade, haviam entrado na área com o consentimento de alguns índios, e se instalado com algumas máquinas para extraírem ouro no Rio Anauá. Os garimpeiros não foram encontrados, mas o equipamento foi localizado e aguardava o rio encher novamente para ser devolvido para os garimpeiros.

**A invasão dos colonos.** O extremo sul da AI-Wai-Wai encontra-se muito próximo à Rodovia Federal Perimetral Norte, de onde partem as vicinais que crescem a cada ano com as políticas de incentivo à imigração dos governos estaduais e federais. Três destas vicinais encontram-se já nos limites da área (29, 27 e 31), sendo que uma delas (29) penetra cerca de 7 Km na área, com pequenas benfeitorias dos colonos e uma pequena casa construída pelo prefeito local para abrigar uma escola. Atualmente, conforme demonstra o mapa “Delimitação da Área Indígena Waiwai”, a área de 330 mil hectares delimitada em 1982 (FUNAI/BSB/0923/81), encontra-se invadida na extremidade sul pela vicinal 29, enquanto outras duas já fazem grandes pressões (27 e 31) para invadirem.

**Outros riscos.** Além destes dados sabe-se também que há forte interesse por parte de grandes empresas mineradoras para se instalarem na área, interesses que abarcam um total de 100% da mesma (ISA, s/d). Tendo em vista as crescentes pressões exercidas sobre os limites da AI-Wai-Wai e o risco que representam para a integridade territorial, social e física da comunidade indígena, proponho a imediata demarcação da área como meio de proteção, sem que seja alterado os limites sul da AI. Só assim, poderam ser impedidas tomadas medidas justas, no sentido de impedir a degradação ambiental e social do referido povo.

Portanto, é importante que seja levado em consideração o limite sul da área proposto, uma vez que já encontra-se invadido e representa um canal para futuras invasões, devendo as instituições competentes orientar a saída imediata da população não-indígena da área conforme descreve o levantamento fundiário (segue em anexo, Memo n.019/COORD.GT/84) e proceder o mais urgente possível a demarcação física da área.

Enfim, deve ser reconhecido e acatado os limites propostos pela Portaria 1441 de 05/10/82, sem mais reduções. Só assim, poderá ser garantida maior proteção à comunidade em acordo com a reivindicação dos próprios Waiwai.

### **9. Adequação dos Limites da Área Propostos (em acordo com os 330.000 ha.)**

Os limites propostos pelo memorial descritivo estabelecido a partir da proposta do GT instituído pela Portaria 1218/E/82, aprovado pelo pelo órgão responsável conforme informação n.350/DID/DGPI/82 de 09/10/82, devem ser matidos e respeitados. Esta proposta que idenfica a área de 330.000 ha., ainda que sendo apenas parte do que era tradicionalmente ocupada pelo grupo indígena, é importante que mantenha seus limites, pois sabe-se que constituem o mínimo necessário à sobrevivência física e cultural do grupo.

Observa-se ainda que estes limites são em sua grande maioria naturais, integrando complexa rede fluvial utilizada pelos índios, incluído cabeceiras de igarapés importantes para evitar a destruição ecológica da fauna e da flora no habitat indígena. Estas características, além de serem importantes ecologicamente, facilitarão inclusive a demarcação física da área. Finalmente, é também de suma importância registrar que a manutenção destes limites propostos constituem uma das reivindicações mais sistemáticas dos próprios Waiwai.

# ANEXO

## Informações Historiográficas Relevantes

É da primeira metade do século XIX a primeira referência aos *Waiwai* feita por Schomburk (1841) que visitou três aldeias, uma ao norte e duas ao sul da Serra do Acarai/PA. Na ocasião, o viajante contou 150 índios com uma média de 50 pessoas por aldeia. Em 1844, sete anos depois, ele retornou à área e encontrou uma parte dos Tarumá vivendo numa aldeia do subgrupo denominado Barokoto, os demais Tarumá, acreditava o autor, deviam ter se dispersado entre outros grupos.

Barrington Brown, em 1870, fez uma visita aos *Waiwai* justamente no período em que lá estiveram os Wapishana e os Tarumá realizando suas trocas comerciais. Em 1884, novos dados informam que os *Waiwai* haviam se mudado para os afluentes do Mapuera mantendo um relacionamento pacífico com os Pianokoto. Condreau (1987) fez uma rápida viagem até a Serra do Acari trazendo dados bastantes numerosos, com relação aos que até então haviam sido registrados sobre a densidade demográfica do grupo. Segundo ele, havia cerca de 3 a 4 mil *Waiwai* na área, e cerca de 300 deles estariam instalados nas margens do Rio Mapuera.

Em dezembro de 1913, após percorrer os dois lados da Serra do Acarai, Farabee visita uma aldeia *Waiwai* na Guiana (Kamacoto ou Chodikar), onde vários Parakuoto haviam se instalado. O autor observou que, apesar destes últimos constituírem a maioria da população, os *Waiwai* preservaram o nome da tribo, supostamente por serem os habitantes originais da área. Destacou também que, naquele momento, os Taruma haviam sido quase exterminados por uma epidemia de sarampo, levando os últimos remanescentes a se deslocarem para o norte. Assim, em 1924, os *Waiwai* haviam absorvido por intercasamento os remanescentes dos Tarumá do Essequibo (Farabee, 1916).

Em 1925, realizando estudos sobre as técnicas culturais dos *Waiwai* (na ocasião reistrou-se cerca de 100 índios) no Essequibo, Rooth considera os Tarumá virtualmente exterminados. O autor apresenta pequenas descrições de cremação, e diz que tabaco e bebidas alcoólicas não pertenciam ao cotidiano dos índios. O autor também sugere que a complexidade da organização do grupo estava na raiz do próprio nome, cujo termo índio significava mandioca.



Em 1935, uma Comissão de Fronteiras Anglo-Brasileira desenvolve alguns trabalhos na Serra Acarai. Apesar da pequena descrição etnográfica, De Freitas (1944), membro da Comissão, relata que uma aldeia *Waiwai* estava partindo em direção norte. Dois anos mais tarde os *Waiwai* foram mencionados pela Expedição Terry-Holden (1937). Segundo esta, eles tinham se mudado para o Brasil e construído duas aldeias nas nascentes do rio Onoro. Holden descobriu também 4 aldeias na Serra do Acarai próximo ao rio Mapuera.

Em 1946, Peberdy visitou a área encontrando próximo ao Essequibo apenas 4 famílias com 27 indivíduos. Seis anos depois, Guppy registra 52 *Waiwai* naquela região. Em 1949, quando inicia-se o contato permanente com missionários da UFM, os *Waiwai* aglomeraram-se nas margens do Rio Essequibo, Guiana Inglesa, após serem impedidos pelo governo brasileiro de se instalarem no alto Trombetas/Mapuera. Um ano depois, expulsos da Guiana Inglesa, os missionários instalaram-se no Brasil (sudeste do Pará, AI. Nhamundá/Mapuera), mudando o nome para Missões Evangélicas da Amazônia/MEVA e trazendo de volta para o norte do Pará a maioria dos *Waiwai* que tinham migrado com eles. Uma menor parte do grupo instalou-se em Roraima na atual AI-*Waiwai*, antiga aldeia do Caximi e Pista Velha (cf.Howard, 1993).

Desde os primeiros contatos com a UFM, os *Waiwai* iriam compor uma linha de frente expedicionária, atraindo novos grupos que ainda estavam isolados do convívio com a “civilização”<sup>3</sup>. Entre outras mudanças ocorridas, os índios foram levados a abandonar uma série de tradições que marcavam suas manifestações sociais, políticas e cosmológicas. Foram proibidos de produzir e usar as bebidas fermentadas que utilizavam em suas cerimônias religiosas, não podiam mais fazer uso do tabaco, foi proibida as relações poligâmicas e o infanticídio de gêmeos, além de uma série de restrições alimentares e sexuais (CEDI, 1983).

Após a expulsão da Unevangelised Fields Mission da Guiana Inglesa, três líderes e pastores indígenas *Waiwai* (Kriphacá, Yakutá e Ewka) mudaram-se levando 15 famílias para o rio Anauá e Jatapuzinho em Roraima, enquanto as demais regressaram para as margens do rio Mapuera no norte do Pará.

---

<sup>3</sup> Em Kanashem, aldeia criada pelos missionários na Guiana Inglesa, Guppy obteve o seguinte depoimento dos missionários: “provalvemente existem outros 200 índios do outro lado da fronteira do Brasil, e é neles que estamos realmente interessados. Os poucos índios cristianizados da Guiana atuam apenas como sementes propagando a Palavra para eles. (...) Enviamos mensageiros para contar-lhes que aqui viveriam muito melhor” (1958:19)

No Brasil, a missão mudou seu nome para Missão Evangélica da Amazônia — MEVA — concentrando seus trabalhos mais intensamente na AI-Trombetas/Mapuera, local onde a população sempre esteve mais concentrada. O *sistema tradicional* fundamentado na autonomia de grupos locais passou por muitas transformações a partir do contato permanente com os missionários; a grande concentração populacional somada à política missionária no sentido de transformar aspectos que consideravam negativos interferiram diretamente no sistema de relações sociais.

Entre outras exigências dos missionários destaca-se: o abandono da casa comunal; a substituição do sistema tradicional de chefia por líderes “convertidos” para o protestantismo; proibição da poligamia; introdução de novas técnicas de produção agrícola compensando a maior concentração permanente; a proibição do uso de tabaco e bebidas fermentadas —*caxiri* — o que levou ao abandono de rituais e danças nos quais serviam a bebida e o combate à pajelança (Almeida, 1981).

Se no Trombetas/Mapuera, a seleção dos bens materiais e informações gerais sobre o “mundo dos brancos” sempre foi filtrado pelos missionários, impondo regras de comportamento, em Roraima, os Waiwai estabeleceram outras relações com os “brancos” em geral. Em primeiro lugar, a menor concentração populacional e o maior isolamento geográfico da área sempre manteve os missionários mais distantes das aldeias (em 1983 abandonaram a sua base numa das aldeias em Roraima passando a realizar apenas visitas esporádicas). Em segundo lugar, a construção de uma usina hidrelétrica<sup>4</sup> (na cabeceira do rio Jatapu), trouxe outras questões para os índios na reelaboração de suas redes de sociabilidade intertribal, bem como suas relações e representações relativas ao “mundo dos brancos”. Atualmente existem três assentamentos em Roraima (Aldeia do Anauá, do Cobra e do Jatapuzinho) com cerca de quatrocentos e cinquenta pessoas aproximadamente (110; 55 e 190 habitantes respectivamente).

---

<sup>4</sup> Em 04/06/92, o Presidente da República, Fernando Collor de Melo aprova o decreto para a construção da usina hidrelétrica Jatapu em Roraima. Nove meses após o início das obras, a Ação Civil Pública de 29/09/93, prevendo as consequências da usina para os Waiwai, suspendeu as obras diante das irregularidades do processo. Um mês depois, o Juiz Hermenito Dourado caça a liminar de embargo à obra e no dia 05/11/93 deu-se início à implantação da usina. (Folha de Boa Vista, 14/04/93; Diário de Roraima, 05/11/93 e 07/11/93).

## **BIBLIOGRAFIA (DISPONÍVEL SOBRE O TEMA)<sup>5</sup>**

### **I. FONTES ADMINISTRATIVAS**

#### FUNAI (Fundação Nacional do Índio)

Relatório Wai-Wai, Ministério do Interior/Funai, Roger Martins Gonçalves, Posto Indígena Vista Alegre, Dez, 1979

Subsídios para a reunião do GT- Interministerial sobre a área indígena Wai-Wai/RR, informações técnicas nº 62, Manaus, 11/03/1986.

Portaria nº 1441, Declaração de Posse Permanente do Grupo Indígena Wai-Wai à Terra Delimitada, 05/10/19982

Parecer nº 033/ASSAI/APL/91, Brasília, 25/10/1991, Processo nº 3137/88, Ruben Caixeta de Queirós

C.I. nº 140/CII/88, Portaria nº 2035/87, José Ricardo Gonçalves dos Santos

Parecer nº 89/91, 20/07, Eleição e delimitação da área dos Pis Nhamundá e Mapuera, Mário H da Penha de Almeida, Brasília-DF, 1981 (mapa que acompanha o relatório)

Trabalho de Assessoramento FUNAI/ELETRONORTE na Área Nhamundá-Mapuera, Sebastião Amâncio da Costa, Brasília-DF, 23/07 e 16/08 de 1981

Relatório em Atenção à Comunicação de Serviço, nº 041/1º DR de 15/02/81, Manaus, 28/02/82

Relatório em Atenção à Comunicação de Serviço, nº 184/1º DR de 20/08/82, Manaus, 15/11/82

#### MEVA (Missão Evangélica da Amazônia)

Breve histórico, s/d

#### MICEB (Missão Cristã Evangélica do Brasil)

Relatório semestral, PI Mapuera, Dez. 1980

### **II. TEXTOS DE DIVULGAÇÃO**

#### CEDI/ISA (Instituto Sócio Ambiental)

*Povos Indígenas no Brasil* (3), Amapá/Norte do Pará, São Paulo, SP, 1983

Documentação, 15/08/95 (sem autor)

---

<sup>5</sup> Esta bibliografia que coloco à disposição foi elaborada para o Projeto de pesquisa (*Próximos e Distantes: Estudo de um Processo de Descentralização e [Re]Construção de Relações Sociais na Região Sudeste das Guianas*, FAPESP, 1997), vinculado ao PPGAS/USP, que venho desenvolvendo junto aos Waiwai desde 1996. Para tanto peço que não seja divulgado para outros fins sem prévia autorização.

*Levantamento sobre a situação atual das populações indígenas no Brasil*, Ficha Padrão, 09/07/86  
(Irene Benson)

*Relatório Reservado 1468, Reservas Indígenas Viram Blue Chips do Setor Mineral*, Rio de Janeiro, RJ, 19 e 25/06/95

Howard, C, *Os índios Waiwai fundam uma nova aldeia na procura dos índios arredios*, 09/12/1986

Howard, C, *Trade Beads, Men's Oratory and Women's sexuality Among the Waiwai of Northern Amazonia*, University of Chicago, 1990

DOWDY, H.E

*Christ's Witchdoctor: from savage secerer to jungle missionary*, Harper & Row Publishers, NY, 1977

### III. JORNAIS, REVISTAS (E OUTRAS FONTES)

Correio Brasiliense

02/10/93 "A paralisação das obras na construção da usina do Jatapu, Diário de Roraima".

03/09/93 "Jatapu aguarda as turbinas".

05/10/93 "Cassada a liminar de embargo à usina de Jatapu".

07/10/93 "Explode as comportas que represava o Jatapu".

11/12/93 "Índio Waiwai trabalha na construção da usina do Jatapu".

29/04/94 "Vereador de São João da Balisa/RR, denuncia a igreja".

02/02/95 "Índios Waiwai do ria Anauá repudiam a construção da barragem do Contigo".

O Estado de Roraima

16/02/93 "A farsa da hidrelétrica de Jatapu (denúncia do Deputado Iradilson Sampaio)".

O Estado de São Paulo

07/01/77 "Waiwai Ajudaram na Pacificação Waimiri-Atroari".

Folha de Boa Vista

14/04/93 "Avaliação do decreto do ex-presidente Fernando Collor de 04/06/92".

National Geograph

*Life Among Wai Wai Indian's*, Clifford, E. and Miggers, B. (3), 1955

RADAM-Brasil, Série Levantamento de Recursos Naturais, Rio de Janeiro, RJ, 1975 (9)

**IV. ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

DERBYSHIRE, D

*Notas comparativas sobre três dialetos Carib*, Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia 14, 1961

*Hishkaryana (Carib) Sybtax Struture, parts I e II*, International Journal of American Linguistics, 27.02.1961

*Textos Hixicariana*, publicações avulsas 3, MPEG, Belém/PA, 1965

HAWKINS, W. N

*A Fonologia da Língua Uaiuai*, Boletim 157, USP, 1952

*A Morfologia do Substantivo na língua Uaiuai*, Publicações Avulsas 21, Museu Nacional do Rio de Janeiro, RJ, 1962

HAWKINS, W. N. & HAWKINS, R

*Verb Inflective in Waiwai*, International Journal of American Linguistics, (19), 1953

**V. ESTUDOS ETNOLÓGICOS SOBRE A REGIÃO DAS GUIANAS**

FARABEE, W. C

*The Amazon Expedition*, The Museun Journal, Philadelphia, v.7, nº 4, oct/dec, 1916

*The Central Carib*, Philadelphia, University Filadelpia (Antropological Publication of the University Museun, 10)

FARAGE, N

*As muralhas dos sertões: os povos indígenas no rio Branco e a colonização*. São Paulo, ANPOCS/Paz e Terra, 1991

GALLOIS, D. T

*Elementos para uma História Waiãpi do Contato*. Com. apresentada GT-História Indígena/ANPOCS, Campos do Jordão, 1986

*Migração, Guerra e Comércio: os Waiãpi na Guiana*, FFLCH/USP, Série Antropologia 15, São Paulo, SP, 1986

*O Movimento na Cosmologia Waiãpi: criação, expansão e transformação do universo*, Tese de dout. FFLCH/USP, 1988

*Mairi Revisitada: a reintegração da fortaleza de Macapá na tradição oral dos Waiãpi*, Núcleo de História Indígena e do Indigenismo, Série Estudos, NHII/FAPESP, 1993

OVERING, J. K

*Cogitation, Endogamy and Technonymy: the Piaroa Example Southwestern*, in *Journal of Anthropology* (28), 1972

*Endogamy and Marriage Alliance: a note on the continuity in Kindred based groups*, in *MAN*, 8(4), 1973

*I Saw the Sound of the Waterfall: shamanism, gods and leadership in Piaroa Society*, Paper apresentado no Encontro AAA, 1974

*The Piaroa – a People of the Orinoco Basin. A study in kinship and marriage*. Oxford, Clarendon Press, 1975

*Social Time and Social Space in Lowland Southamerican Societies*, in *Actes du XLII Congrès international des Americanistes*. Paris. Musée de l'Homme Société des Américanistes, Vol. II, 1977

*Master of Land and Master of Water: cosmology and social structure among the Piaroa*, Paper apresentado no London School of Economics Seminar, Edinburgh and Manchester Seminars, 1979

*Review Article: Amazonian Anthropology*, *Journal of Latin Amerindian Studies*, 13, 1981

*Elementary Structure of Reciprocity: a comparative note on Guianense, Central Brazilian and North-West Amazon socio-political thought*, *Antropológica*, vol. 59/62, 1983-4

*Images of Cannibalism, Death and Domination in a non-violent Society*, in *Riches (ed): The Anthropology of Violence*, B, Blackwell, Oxford, 1986

*The Shaman as a Maker of Words: shamanism and the domestication of the associial in Piaroa Society*. Paper (inédito), 1991

*Styles of Manhood: an Amazonian contrast in tranquility and violence*. Paper (inédito), 1992

*Lessons on Wisardry: personal autonomy and the domestication of self in Piaroa society*, in *Ethnographic Perspectives on Cognitive Development*, eds. G. Johoda e I. M. Lewis, 1992

RIVIERE, P

*An Ethnographic Survey of the Indian on the divide of the Guianenses and Amazonian River Systems*, University of Oxford, 1963

*Myth and Material Culture: some symbolic interrelations, in Forms of Symbolic Acton* (ed. R. F. Spencer), University of Washington Press, 1969b

*Somes Problems in the comparative Study of Carib Societies*, in *Atti de XL Congresso internazionale degli Americanisti*, vol. 2 Genoa: Tilgher. Também in *Carib-speaking indians: culture, society and language* (ed. E. B. Basso), Tucson, Anthropological papers of the University of Arizona, 1977

*Aspects of Carib Political Economy*, in *Antropológica*, 59/62, 1983-4



*Individual and Society in Guiana: a Comparative Study of Amerindian Social Organization*,  
Cambridge Studies in Social Anthropology, 51, Cambridge University Press, 1984

ROTH, W. E

*An Introductory Study of the Arts, Crafts and the Customs of the Guiana Indians*, in Annual  
Report of the Bureau of American Ethnology, Washington, (38°-1916-7), 1924

#### VI. ESTUDOS ETNOLÓGICOS SOBRE A REGIÃO DA AMAZÔNIA

CARVALHO, W

*Flashes da Amazônia*, São Paulo, SP, 1964

MORAN, E

*A ecologia humana das populações da Amazônia*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1990

VIVEIROS DE CASTRO, E.B

*Sociedades minimalistas: a propósito de um livro de Peter Rivier*, in Anuário Antropológico, 85,  
1986a

*Arawete: os deuses canibais*, São Paulo, SP, Zahar, 1986b

*Alguns aspectos da afinidade na dravidianato amazônico*, in E. Viveiros de Castro e M.  
Carneiro da Cunha (orgs.) *Amazônia: etnologia e história indígena*, São Paulo, SP, NHII/USP, 1993

#### VII. RELATOS DE VIAGENS

BROWN, C. B

*Camp and Canoe Life in British Guiana*, London, 1876

CONDREAU, H

*Chez nos Indiens: quatre années en Guyane Française (1887-1891)*, Paris, Hachette, 1893

*La France Equinoxiale*, 2ª ed. Paris, Challanel Ainé, 2v, 1886-7. vol. 1: Études sur le Guiana  
et l'Amazonie, vol. 2: Voyages à Travers les Guianes et l'Amazonie

*Voyage au Yamunda*, 21/01/1899 - 27/06/1899, Paris, A. Lahure, 1899 (mapas desenhados pelo  
autor)

CONDREAU, O

*Voyage à la Mapuera*, (27/04/1801 au 24/12/1901), Paris, Hachette, 1903

LEBLOND, J.B

*Description abrégée de la Guyane Française.* (e outros documentos), Paris, 1813

RONDON, C.M.S

*Índios do Brasil – das Cabeceiras do rio Xingu, dos Rios Araguaia e Oiapoque*, vol II, Public. 98, Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Proteção aos Índios, 1953a.

*Índios do Brasil do norte do rio Amazonas – vol III*, Public. 99, Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Proteção aos Índios, 1953b.

SÃO MARCOS, F

*Repport présenté au roi par le Frère F. de São Marcos, religieux de l'ordre de la Pitié e missionere dans le village des Nhamundás sur son voyage par la rivière ; Trombetas le 6.1.1728*, in Rio Branco, Paranhos, Barão, Limites entre Brésil et la Guyane Anglaise. Paris, 1903 (anexe au 1º mémoire, v.3, p.42-52)

SCHOMBURG, M. R

*Reised in British Guianain den Jahren 1844-1880 (Viagens pela Guiana britânica entre os anos de 1844-1880)*, Stuttgart, Strecker und Schroder, 1926

#### VIII. ESTUDOS ETNOLÓGICOS SOBRE A REGIÃO DO NHAMUNDÁ/MAPUERA

FARIA, J. B

*A Cerâmica da Tribo Uaboi dos Rios Trombetas e Jamundá: contribuição para o estudo da arqueologia pré-histórica do baixo Amazona*, Rio de Janeiro, RJ, CNPI (n 89). [O trabalho consta nos Anais II do X Congresso Brasileiro de Geografia, 1940]

FOCS, N

*Waiwai: Religion and Society of are Amazonia Tribe*, Copenhagen National Musets Skrifter, 1963

FRIKEL, P

*Classificação Lnguístico-etnológica das Tribos Indígenas do Pará Setentrional e Zonas Adjacentes*, in Revista de Antropologia, USP, 6 (2), Dez. de 1958

*Tradições históricos-lendárias dos Kachuyana e Kahyana*, in Revista do Museu Paulista, 9, 1955

*Mori: a festa do rapé (Kaxuyana)*, in Bol. Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia 12, Belém/PA, 1961.

*Os Kaxuyana: notas etno-históricas*, Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia 12, Belém/PA, 1970.

*A mitologia solar e a filosofia de vida dos índios Kaxuyana, Ensaios sobre línguas e culturas indígenas*, SIL, Brasília-DF, 1971

GUDSCHINSKY, S. C

*Sistemas Constrativos de Marcadores de Pessoa entre duas Línguas Carib: Apalai e Hixikariana*, Série Linguística, SIL, Brasília, 1973

GUPPY, N

*Waiwai: Through the Forest North of the Amazon*, R. P. Duthon, 1958

HAWARD, C

*Pawana: exchange and negotiation of identity among the Waiwai of northern Amazonia*, University of Chicago, 1987

*Feathers as ornament among the Waiwa: fragments of the heavens*, in *The Gift of Birds – featherwork of native south american people*, orgs. Ruben E. Reina and Kenneth M. Kensinger editors, University of Pennsylvania Philadelphia, PA, 1991

*Pawana: a farsa dos viajantes entre os Waiwai da Amazonia setentrional*, in *Amazônia: Etnologia e História Indígena*, orgs. Carneiro da Cunha, M e Viveiros de Castros, E, NHII/USP, 1993

MIGGERS, B. J

*Adaptação Indígena à Terra Firme: os Waiwai*, in *Amazônia: a ilusão de um paraíso*, Rio de Janeiro, RJ, Civilização Brasileira, 1977

MORTON, J.A

*Conceptions of Fertility and Mortality Among the Waiwsai Indians of Southern Guiana*, M. Litt. thesis, University of Oxford, 1979

YDE, J

*Material Culture of the Waiwai*, Copenhagen, National Museum of Denmark, 1965 (Ethnographic Serie 10)

#### **IX. ESTUDOS SOBRE A ANTROPOLOGIA DO CONTATO**

ALBERT, B

*La fumée du métal: histoire et représentations du contact chez les Yanomami du Brésil*, in *L'Homme*, 1987

AUGÉ, M

*Não-lugares: introdução à uma antropologia da supermodernidade*, Papirus Ed., Campinas, 1994

BAINES, S. G

*É a Funai que sabe: a frente de atração Waimiri-Atroari.*, Col. E. Galvão, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém/PA, 1991

*A política indigenista governamental e os Waimiri-Atroari: administrações indigenistas, mineração de estanho e a construção da "autodeterminação indígena dirigida"*, in revista de Antropologia, vol. 36, São Paulo, SP, 1994

BALANDIER, G

*La Situation Coloniale: approche théorique*, in Cahiers Internationaux de Sociologie, XI, 1951

BARTH, F

*Ethnic Groups and Boundaries*, London/Oslo, 1987

*Cosmologies in the making: a generative approach to cultural variation in inner New Guinea*, Cambridge University Press, 1987

CARDOSO DE OLIVEIRA, R

*Aculturação e fricção interétnica: questões sobre a gestão do território* – Ed. UNB/ED. UFRJ, Brasília-DF, 1963

*A noção de colonialismo interno na etnologia*, in Tempo Brasileiro, IV, n.8, 1966

*Problemas e hipóteses relativos à fricção interétnica*, in Revista do Instituto de Ciências Sociais, vol. IV, n.1, Rio de Janeiro, 1967

*Urbanização e tribalismo: a integração dos terena numa sociedade de classes*, Rio de Janeiro, Zahar, 1968

*Identidade, etnia e estrutura social*, Livraria Pioneira, São Paulo, SP, 1981a

*O índio e o mundo dos brancos*, 3ª ed. Ed. UNB/ Pioneira, São Paulo, SP, 1981b

*O movimento dos conceitos na Antropologia*, in Revista de Antropologia, vol. 36, 1994

CARNEIRO DA CUNHA, M

*Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível*, in Antropologia do Brasil, Brasiliense, EDUSP, São Paulo, SP, 1986

*Introdução à uma história indígena*, in História dos Índios no Brasil, FAPESP/SMC, Cia das Letras, São Paulo, SP, 1986

GALLOIS, D.T

*De arredo à isolado: perspectivas de autonomia para os povos indígenas recém contactados*, in Índios do Brasil, Luís D. B. Grupioni (org.) São Paulo, SP, 1992

HUGH-JONES, C

*From the Milk River: spatial and temporal processes in Northwest Amazonia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

MALINOWSKI, B

*Introductory essay: the antropology of changing Africa cultures*, in *Methods fo study of culture contact in Afric*. Lucy Mair (ed). International Institute of African Languages and Cultures. London. Oxford University Press, 1938

OLIVEIRA FILHO, J. P

*O Nosso Governo: os Ticuna e o Regime Tutelar*, MCT/CNPQ, ED. Marco Zero, SãoPaulol, SP, 1988

*Novas Identidades Identidades Indígenas: análise de alguns casos na Amazônia e no Nordeste*, in *Amazônia e a Crise da Modernização*, Belém/PA, 1994

RAMOS, A. R

*Vozes indígenas: o contato vivido e contado*, in *Anuário Antropológico 87*, Tempo

RIBEIRO, D

*Os Índios e a Civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*, 3ª ed. Vozes, 1977

SOUZA LIMA, A. C

*Um Grande Cerco de Paz: poder tutelar e indianidade no Brasil*, MN/PPGAS, Rio de Janeiro, RJ, 1992

TURNER, T

*Da cosmologia à história: resistência, adaptação e consciência social entre os Kaiapó*, in *Amazônia: Etnologia e História Indígena*, orgs. Carneiro da Cunha, M e Viveiros de Castros, E, NHII/USP, 1993

VIVEIROS DE CASTRO, E. B

*Sobre sociedades minimalistas: a propósito de um livro de Piter Rivier*, *Anuário Antropológico*, 1985

*Histórias Ameríndias*, in *Novos Estudos Cebrap*, vol. 36, 1993

*O mámore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem*, in *Revista de Antropologia*, vol. 35, São Paulo, SP, 1994.

*Caetano*